



SEMANARIO HUMORISTICO

REPÚBLICA

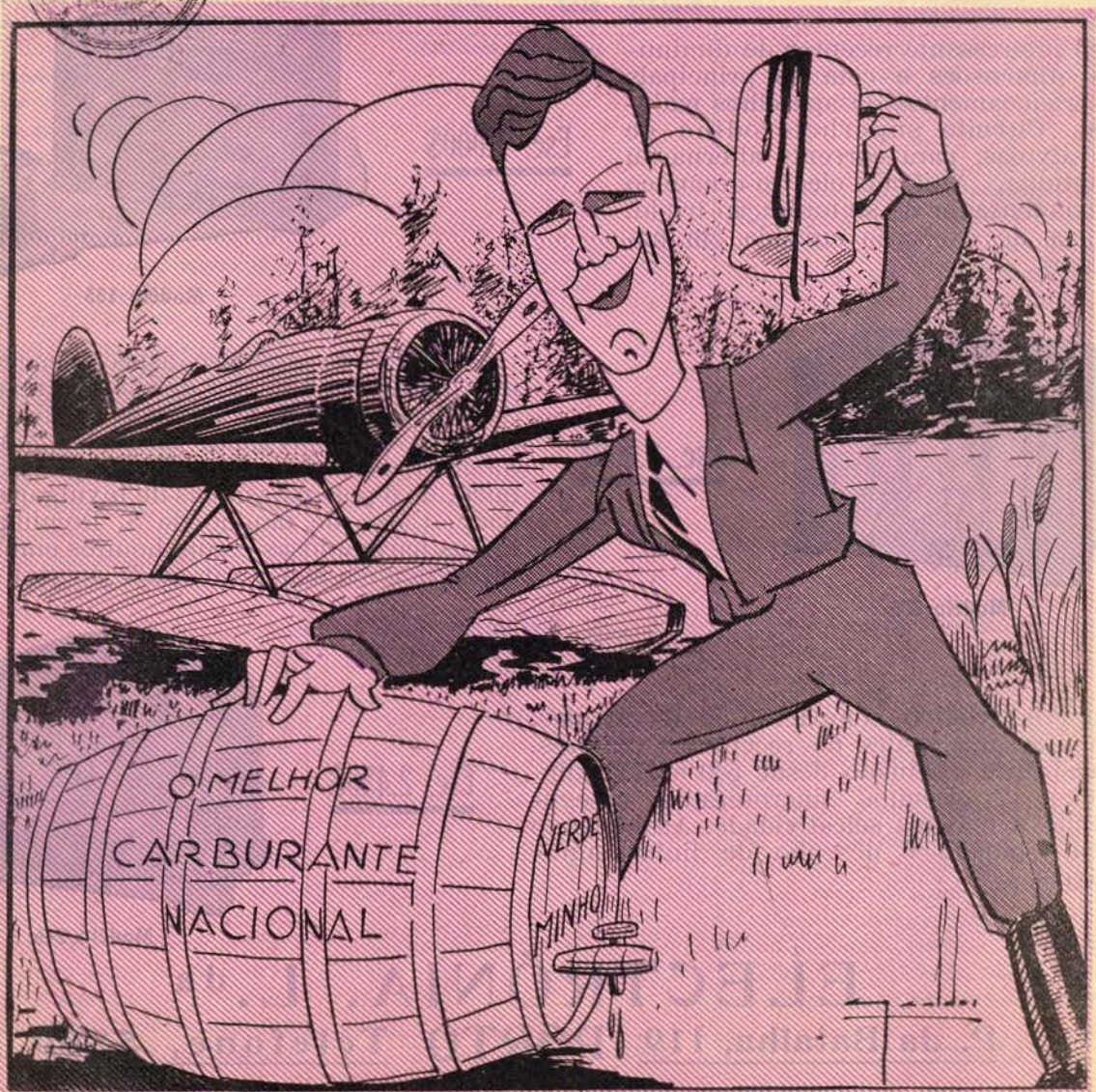
Luiz Caldas

EDUCAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
 do Almada, 107-2.º — Telef. 1810 — Porto
 propriedade da Empresa do «Magazine Civilização», Limitada

DIRECTORES: **Heltor Campos Monteiro**
Dr. Germano Campos Monteiro
 EDITOR — **E. Costa Monteiro**

Composto e impresso na
 IMPRENSA PORTUGUESA
 R. Formosa, 108 — Telef. 1466 — Porto

ASAS GLORIOSAS



Desde as do avião até às da caneca

Propriedade da Empresa do
Máazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção Literária de:

HEITOR CAMPOS MONTEIRO
DR. GERMANO CAMPOS MONTEIRO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

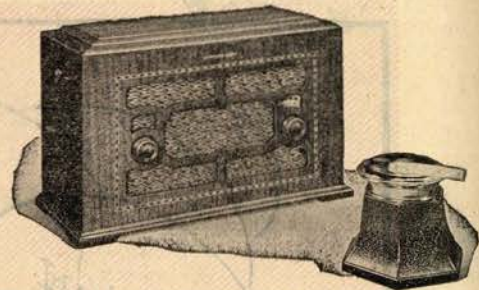
Anúncios: Preços convencionais

3 soluções económicas de

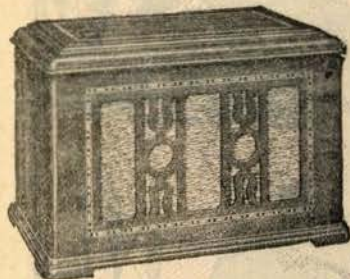
ATWATER KENT RADIO

Um interessante receptor de diminutas dimensões e com os principais aperfeiçoamentos de aparelhos maiores. Circuito superheterodino de 5 válvulas, para corrente alterna ou contínua. Altifónio electro-dinâmico e condensador de sintonização triplo. Caixa de execução cuidada em noqueira.

Esc. 1.000\$



Modêlo 155



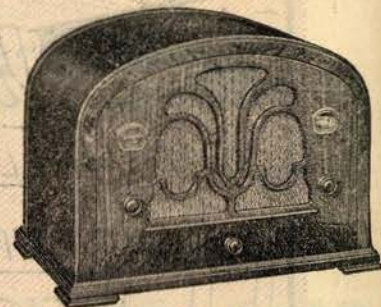
Modêlo 555

Esc. 1.600\$

Caixa-cofre de gracioso aspecto encerrando um dispositivo receptor de soberbo resultado. Superheterodino de 5 válvulas, muito sensível e selectivo, empregando lâmpadas pentodo e diodotriodo duplas. Auto-falante electro-dinâmico, de 6 polegadas, mas de invulgar sonoridade. Caixa de mogno de S. Domingos, de linhas harmoniosas e com bonitos embutidos, satisfazendo a maior variedade de gostos.

Superheterodino compacto, de 6 válvulas, com as qualidades de receptores maiores. Quadrante graduado desde 540 a 1750 kilociclos. 7 circuitos sincronizados assegurando a máxima selectividade. Acabamento bem cuidado e desenho de linhas agradáveis.

Esc. 2.450\$



Modêlo 246

ELECTRÓNIA, L.ª da
P. da Batalha, 119 PORTO Telefone, 5800



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Não sei se viram nos jornais. Aquele dementado que há meses tentou assassinar Dolfuss, o chanceler austríaco, foi condenado agora a cinco anos de trabalhos forçados, com um dia de jejum em cada trimestre e outro de reclusão, às escuras, na data de 3 de Outubro.

E' curiosa a sentença. Lá os trabalhos forçados compreendem-se. E a verdade é que não representam castigo muito duro, visto que, nestes calamitosos tempos de hoje, a vida de quase todos nós é uma sucessão ininterrupta de trabalhos forçados. Mas o jejum e o quarto escuro...

Era este, antigamente, o castigo destinado às crianças rabugentas ou insubmissas. Vai agora ser aplicado a um homem, o que é muito diferente, sendo êle casado, de mais a mais. Não diz a sentença se o jejum é de toda a espécie de carne, ou se lhe será permitido qualquer alimento leve. Gostaria de saber se permitirão ao criminoso as visitas da mulher, fora, claro está, dos dias de abstinência. Mas é natural que não, nem, mesmo, lha consintam nunca. Visto que foi condenado a trabalhos forçados, a única companhia que provavelmente lhe permitem é a da sogra.

Havemos de convir, em todo o caso, que a pena não foi demasiada. Atentar contra a vida de um primeiro ministro é crime que, em qualquer das repúblicas sul-americanas, teria como prémio imediato o fuzilamento. Foram benignos os juizes austriacos, possivelmente convencidos de que o réu não estava no pleno uso das suas faculdades mentais. Porque só um doido conceberia o projecto de abater Dolfuss a tiro. Dolfuss, como se sabe, é de pequenissima estatura e magro como uma enguia. Querer atingi-lo com uma bala, seria o mesmo que tentar atingir

uma bactéria com um tiro de canhão. Da mesma forma que o meu amigo Raimundo Martins caminha, *si vera est fama*, por entre as pingas da chuva sem se molhar, assim o actual chanceler austríaco, quando soldado no front, passeava por entre as balas tão

tranquilamente, e com tão segura imunidade, como se estivesse atrás de uma trincheira de cimento. Nem totalmente vestido de branco poderia constituir o que se chama um alvo. E eu estou a ver a bala do agressor, ao abandonar o cano do revólver, volitar na atmosfera para cá e para lá, desorientada, à procura de Dolfuss e a murmurar com os seus botões:

— Que diabo de ideia teve o meu patrão, mandando-me matar um homem microscópico, sem me ter fornecido uns óculos de aumento!

Histórias... da vida

Gamela amoroso

O sapateiro Gamela, atrevido, atiradiço mais hábil para o derriço, que a manejar a sovela;

teve um dia a tentação de namorar a Zezinha, filha do Barros Farinha, que tocava rabecão.

E logo que tal pensou, tomando o negócio a peito, radiante, satisfeito, em conquistador armou.

Passando-lhe à porta viu, a pequena na janela... êle, sorriu para ela, ela p'ra êle sorriu!...

Depois desta sinfonia começada docemente, Gamela, todo contente, viu que a coisa prometia...

e, teve a ideia ousada, — o amor nem sempre pensa, — de pedir, sem mais detença, para ir falar-lhe à escada!...

Dentro o rabecão soava num ensaio langoroso; porém, o nosso amoroso, nem o ouvia... sonhava!...

E sempre a sonhar, ligeiro, sobe a escada venturoso, mas, ali, em vez do gozo com que contava, matreiro,

Teve esta desilusão, que o sonho dissipou; um par de murros levou do homem do rabecão!...

Na raticira caiu e ficou numa rodilha, porque em vez de ver a filha, a bengala do pai, viu...

Parafraseando, então, certo dito verdadeiro: p'ra que quer o sapateiro, a filha do rabecão!...

Todavia, a-pesar-de pequeno, Dolfuss é um grande homem. Não tamanho como o Hitler, no dizer de um vizinho meu que, a exemplo das mulheres espanholas, se inclina rotundamente para as direitas. Mas, ainda assim, suficientemente grande para encher um país e uma época. A prova provada da sua grandeza de alma está na indiferença completa a que votou o processo do seu agressor. Se tivesse experimentado um assômo de ódio, ou mesmo de ressentimento; se houvesse manifestado o menor desejo de retaliação, o condenado de agora seria um homem perdido cuja cabeça, separada do corpo, apodreceria já em qualquer ignorado recanto de cemitério. Dolfuss desinteressou-se do assunto. Não tomou a ofensiva, nem a defensiva. Encolheu os ombros, perdoou, e continuou serenamente a trabalhar.

Estou convencido, por isso, de que, nos dias em que o outro tenha de jejuar, Dolfuss lhe mandará o jantar de sua casa. E quem sabe se qualquer dia lhe não concederá um indulto libertador, que o restitua à sociedade, já com menos caraminholas políticas na cabeça e mais bondade no coração?

Életê.

Marcial Jordão.

Balancete da semana

Lá foi o Lindberg, audaz, voando
em busca dos Açòres,
por sòbre um mar banzeiro, ameno e brando,
cheio de luz e còres.

Vendo-o passar, p'ra regiões remotas,
grasnaram as gaivotas
e de inveja vibraram os condores.

Poucas horas de vôo, e ei-los nas ilhas,
repletas de beleza e maravilhas.

Nas eleições de Espanha, muito ordeiras,
partiram-se cabeças e cadeiras,
e até as urnas. Tudo batalhou,
de coração fremente e olhos em brasa.

Sancho Pancha, esta vez, ficou em casa,
e foi o D. Quixote quem votou.

Perderam os sentidos
muito dos que exerciam o direito
de entregar um papel.

Contam-se por milhares os feridos
— alguns de bem respeito —
e há mortos a granel.

A-pesar-da importância do sinistro,
afirmou um ministro

— afirmação estranha,
mas de efeito seguro e decisivo —
que se não dispendeu em tòda a Espanha
um ceitil de adesivo.

E eu acredito, — porque os ferimentos
enormes a sangrar,
eram tantos e tais,
que, para os suturar,
só pontos naturais...

E quanto aos mortos, vendo-se o estendal
da gente que morreu no vendaval
eu chego à conclusão, não temerária,
de quem em Espanha a urna eleitoral
é antes uma urna funerária.

Lá foi lançado ao mar o *Douro*, um vaso
de guerra, feito aqui, na nossa terra.
Dizem que é lindo e que é perfeito, — acaso
melhor que os que compramos na Inglaterra.

Ainda bem que os nossos estaleiros
podem equiparar-se aos estrangeiros.

Devemos amostrá-lo, sem desdouro,
a quem nos deprecia e nos arrasa.

Treme a Casa do Douro?

Invulnerável, qual castelo mouro,
fica o Douro da casa.

Turiddu.

Pinto = \$480 reis.

Segundo afirma um periódico de Lisboa, os jornalistas estão todos contentes porque Lindberg se resolveu emfim a abandonar o seu mutismo. Tendo-lhe um de èles feito não sei que pergunta, o aviador norte-americano respondeu: — *Yes!*

Compreende-se o contentamento dos reporters; porque *yes* significa *sim*; e Lindberg, desde que se encontra em Portugal, tem dito a tudo que não.

Diz uma correspondência de Oia, localidade perto de Aveiro, que os oianenses estão muito emocionados porque vai abrir-se uma fonte no lugar do Rêgo.

Não admira. Naturalmente há por lá pouco bismuto...

O *Diário de Noticias*, comunicando aos seus leitores o resultado das eleições em Espanha, diz que èle foi devido às mulheres, que se inclinaram decididamente para as direitas.

Fizeram elas muito bem. Estavants no seu papel, e ninguém pode levar-lho a mal.

Quadros da Baixa...

Do alto do meu poleiro...

Pela estação de S. Bento
E ruas circunvizinhas
Anda uma praga ambulante
A vender muitas coisinhas:

Papel de carta barato,
Caixas de graxa, cordões,
Brinquedinhos atraentes,
Ratinhos a dez tostões.

Este esperto roedor
De todos chama a atenção,
Por isso se vende aos centos
Junto às portas da estação.

Mexidos como o azogue,
E' um gòsto vê-los correr.
Entre as pernas das senhoras
Até se vão esconder!...

As mais nervosas dão gritos,
— Vi algumas desmaiar!
Toca a policia os apitos,
Chega o trânsito a parar!...

O Novo "OPEL" --- o carro preferido pela "elite"

luta eleitoral em Espanha

O que viu, ouviu e apalpou o nosso enviado especial
— O entusiasmo pelo acto eleitoral — Resultados até agora apurados — As esquerdas conservam-se murchas — As direitas, pelo contrário, como direitas que são, nunca o estiveram tanto

Madrid, tantos de tal — Ainda com pé no estribô, apresso-me a enviar notícias. *Caramba!*

Isto por aqui está bonito. Parece carnaval de Veneza, com a pequena diferença que as máscaras são naturais, feitas pela intensidade das paixões. Os *conféttis* estoiram e ao estoirairem, estoiram também com os desgaçados que se encontram perto.

Por toda a parte chovem os gritos de entusiasmo, de propaganda e de dio.

Perto de mim, há dois homens que esmurram com todas as regras de dobre arte de Dempsey. Ao lado deles um terceiro berra esbafuridamente: *fozaña! Azaña!*

Não sei se este grito se refere ao político do mesmo nome, se é para os sanhar ainda mais.

Mais além, num lindo grupo de jovens eleitoras algumas raparigas de olhos de fogo puseram-se a berrar: *¡vivan las derechas!*... Como se nós não soubéssemos que sempre, através dos tempos, foram as direitas quem entusiasmaram as mulheres.

Uma outra, a gritar: *Marcelino Domingo! Domingo!* não me dá novidade nenhuma, pois é, na verdade, um domingo que nós estamos.

Solitária, uma mulher já entrada, proclama com um grande desprezo no olhar e a boca desdenhosamente fronda:

— *No quiero Martinez de Barrios! No quiero el Largo Caballero?*

que eu, muito para mim, traduzi desta maneira:

— Não quero o Martins, que é de barro! Quero um grande cavaleiro!

Uma dengosa morena, de olhos e cabelos de gitana, berrava, já meia louca:

— *A mi me gusta Casares Quiroga!*

rase que eu cépticamente, traduzi por:

— A mim, agradava-me casar com a Camila Quiroga!

E muitas mais frases como estas se ouviam por toda a parte.

Como decorreu o acto eleitoral

Como era de esperar, o acto eleitoral tem decorrido no mais absoluto dos sossegos. A não ser um ou outro tiro isolado, o que, no fundo, até serve para animar as artes, não falando, é claro, nas quarenta urnas que se partiram, (e se se partiram é porque eram de vidro, do que, afinal, ninguém tem culpa), não ligando importância às poucas e desprezíveis mortes que em algumas partes tem havido (pois para se morrer basta estar vivo), devemos

OS MEUS BONECOS

XVII

DR. JORGE COUCEIRO DA COSTA



Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça. Uma interessante figura de velhinho que é um delicioso poeta.

concordar que o acto eleitoral tem decorrido o mais serenamente possível.

Consequências do voto feminino

Nunca, como agora, se viu o largo alcance que o direito de voto das mulheres teve para a sociedade espanhola. Pouparam-se assim muitos divórcios com os seus indispensáveis cortejos de mentiras e *démarches* junto dos tribunais.

E' que, raros foram os casais que votaram na mesma lista. E assim, quando em casa, o marido apaixonado pelo Indalécio, se punha a gritar: — *Prieto!* respondia-lhe a mulher, furiosa: — *Mulato!* e a banzanada não tardava a chover.

Conheceram-se assim, incompatibilidades de génios e de gostos que, sem estas abençoadas eleições, talvez nunca se viessem a conhecer.

E pode dizer-se, afoitamente, que 90 % dos casais espanhóis se consideram de hoje para o futuro absolutamente incompatibilizados.

Pequenas notas e alguns incidentes sem importância

Na aldeia de Siruela, perto de Badajoz, um posto da guarda foi atacado pela população, sendo os pobres guardas obrigados a vir para a rua, esfarrapados e sem... *ciruelas!*

Em Galarta, foi morto um padre pelos extremistas, que depois dançaram uma inofensiva *jota* sobre o seu cadáver ainda quente.

Há quem diga que, a certa altura, o padre se não conteve e levantando a cabeça, berrou: *Olé!olé!*...

Em Bilbao, foi alvejado a tiro o socialista Indalécio Prieto que, no fim da contenda, se tinha transformado em Indalécio Verde.

E finalmente, numa das mesas eleitorais de Lugo, o presidente manteve a ordem de campanha... perdão, de pistola na mão, mandando uma bala a cada um dos eleitores que... não votassem como ele queria.

Como vêem, meus caros leitores, pode-se considerar de absoluto sossego a forma como decorreu o acto eleitoral em Espanha.

Dr. Knox.

MARIA RITA é o jornal humorístico
: : : : de maior expansão : : : :

Já há tempos começamos com uma secção que se parecia imenso com esta. Só se diferenciava pelo sexo. Nessa altura tratava-se de epistolografia fêmea.

Ainda demos publicidade a uma carta feminina; mas foram tantas e tais as reclamações recebidas, que não tivemos outro remédio senão recolhemo-nos à nossa insignificância e dar ao diabo a lembrança. E' que chegaram a prometer-nos uma caixa de bombas em primeira mão!...

Mudamos, pois de rumo e hoje vamos começar a dar publicidade a uma série de cartas verídicas que fomos juntando em nosso poder, e que são verdadeiros modelos de classicismo amoroso.

Para que ninguém duvide da sua autenticidade, vão as mesmas assinadas pelos próprios e com a respectiva morada.

Trata-se, como terão ocasião de apreciar, de cartas de amor a 90 graus, e muito agradeceremos a todos aqueles, ou aquelas principalmente, que possuam destes espécimens o favor de nò-los enviarem para a respectiva inserção.

Ex.^{ma} Senhora:

A melancolia letifera que há tempos tem vincado o meu viver, entenebrece a occisa dor, injungindo-a a aumentar o meu amor minado num seio de blandicias lhanas, infenectíveis, inculcando-lhe ostensivamente o exiguo refúgio dos mártires A Saúde.

E hoje após a pusilanimidade ter evacuado o meu débil espirito, peguei no papel, para em linhas sinceras, ligando o meu coração à pena, fazer aumentar o meu amor nascido do transcendentalismo enesaurível duma carabilidade de desejos.

Seria para mim o momento mais feliz da minha vida a recepção duma sua carta — rosa de amor e desfolhar-se em nocturnas desilusões — que contivesse a recompensa do meu efervescente amor.

Como vê poder-me-ia espalhar esta dolorosa e pungente saúde, escrevendo-me uma letificante missiva, que para mim sintetizava o nosso amor a palpitar em ondas colossais de volúpia. Porém, alimento esta doce e grata ilusão inculcada supersticiosamente no meu espírito.

Mas, como tudo é triste, quando é retratado pela imaginação, quando a

alma se ergue e avança contra as muralhas endurecidas pelas utopias do sonho e se desfaz ao embater com as quimeras acasteladas pela Ansia.

Como é triste o fanástico!

O seu amor, que eu zelo com beijos ardentes, é o maior da minha vida inteira, o que me dilacera a alma com a lembrança triste, mas suave, da fascinante expressão da sua encantadora juventude.

— Alegre, risonha e sugestiva!...

Agora adeus... e ao dizer-lhe este adeus, a minha alma ciciza o que quer que seja. Uma caricia?! Um afago?! Talvez...

Foi ténue o seu murmurar, que lento,

muito lento, veio expirar nos lábios lividos de apaixonado.

Antero Soares Correia.

Leram? E agora digam-nos por favor se é possível *evacuar* mais e melhor!...

Três por semana... para não cansar

Pensamentos

— Há mulheres como as maçãs. Por fora são lindas e rosadas, mas por dentro... teem bicho.

— Há mulheres, em que é pena não se lhes poder fazer a mesma coisa que às melancias... calá-las

— O homem é como o Sol, quando nasce é para *tódas*.

Lizé.

Viva de Espinho

A-pesar-de haver aqui uma Associação de Assistência, que presta os seus humildes serviços os seus pobres, Espinho, terra de turismo pela graça de Deus e pelo esforço dos homens, continua a ser uma vergonhosa arena para mendigos de tódas as idades e de tódas as origens. Aos sábados, principalmente, enchem-se as ruas de pedintes. As aldravas das portas martelam constantemente, e as lamúrias e rezas dos componentes dessa legião extranha andam pelo espaço, lugubrememente, a par e passo dos mais sujos, repugnantes andrajos. Ninguém escapa à degradante invasão, espécie de cilindro de miséria que aqui afluente na mira dum dia bem aproveitado. Há os que são dignos de piedade e os que nos inspiram nojo e repulsa. Alguns, certamente, terão até dinheiro a render nos Bancos.

Mas, o que importa, o que nos leva a erguer este brado triste nas colunas dum jornal que foi inventado e criado para fazer rir, é que essa vergonha existe, e que não vemos quem procure pôr-lhe término.

Não haverá remédio para acabar de vez com o deprimente espectáculo da mendicidade em Espinho?

A questão dos recentes concertos em determinadas ruas continua a fa-

zer engulhos a muita gente. Rejubilam os contemplados e berram com desalento os desprotegidos!

Afinal, nem uns nem outros se lembram que as *massas* da nossa Câmara são de tam pouca elasticidade, que o pouco que se vá fazendo só deve ser motivo para louvores, e nada mais.

Os alicerces do Casino? Mas tudo isso é uma história!

Se o jôgo é uma indústria sem alicerces sólidos, para que se exigem bases sólidas nos prédios em que o jôgo instala os seus domínios?

De resto, nos parece também que essa história dos maus alicerces não passa duma *história* inventada para *disfarçar*, ou para arrelhar o indígena.

ADIVINHA A CONCURSO

Qual é a coisa, qual é ela,
Que, com seu geito brejeiro,
Mais leve que uma gazela,
Loira, de branca epiderme.
Sem ser por porta ou janela,
Entrando no galinheiro
Papa as frangas ao Guilherme?

Zé Mendes.

DESCANSO SEMANAL

Rosas de todo o ano — Curiosidades fatais :: :: :: Subiu o preço da palha :: :: ::

Esta coisa de encimarmos esta página com a frase *Rosas de todo o ano*, não se refere àquelas que o Ex.^{mo} Sr. Dr. Júlio Dantas costuma depor nos rezaços brazonados. Não. Cá para nós, rosas de todo o ano são as asneiras que andam por aí, e muito sobretudo para os lados de Vila Nova.

Essa miserável **Berta** do sr. Fernandes Braga consegue fazer-nos pensar na imortalidade da asneira. Não será assim?

E já vamos começar:

FOLHETIM DE O COMERCIO DE GAIA

BERTA

16 de Outubro de 1933

N.º 14

ROMANCE DE AMOR

POR

DOMINGOS FERNANDES BRAGA

Trocam-se cumprimentos de apresentação e à despedida. Ruy, lança um olhar preocupado a Lúcia e faz-lhe uma leve inclinação de cabeça ao que ela, num sorriso ardente, corresponde. Saem. Fernando, convidado por Ruy a ir almoçar com ele, recusa-se com agradecimentos, alegando que o almoço em casa do dr. Corte Real, o esperava.

Dada a missão de ambos terem de ir ao doutoramento, ficaram de se encontrar de novo na Universidade, e lá fariam mais a propósito. Despediram-se e Ruy vai em direcção ao Hotel Bragança.

Toma um quarto e em seguida vai ao almoço. O seu espírito estava bastante preocupado, formando projectos dos que estonteiam uma alma.

Lúcia tomava posse da sua alma a par e passo. Crueldade! Enquanto o seu amor se transporta à sua imagem, como não o esquecendo, ela, a «Berta», considerada, tem o seu retrato apeado do pedestal do coração de Ruy!

Ruy — o comerciante honesto, o adorado pela mãe da sua muito amada, está verdadeiramente lançado à impiedade, parece um desatino!?!

Como tão depressa a força se transforma em fraqueza, só com a scintilha dum olhar seductor!?! que realidade contraída pelo pecado! Ruy, o homem tão fecundo na sua convicção, de adorar a Deus, como está ele cometendo um pecado tão grave?! E' assim o mundo!!! que faria Ruy, se Berta, o tracassee por outro? que diria ele? Diria mal das mulheres inteiramente proclamando o que só o homem prova obedecer aos juramentos.

Berta, não sente por ele um amor sensual, mas sim um amor fundo, pronto a todos os sacrificios! Ah! se Ruy adivinhasse os sonhos dourados que Berta tem sonhado com ele!!! Mas ele não sabe porque a mulher sabe ser cometida, porque tem juízo, e isso concebe os segredos de mulher!

Ruy — almoça com desassocôgo e de quando em vez, olha os restantes hóspedes, como que imaginando eles atingirem os motivos de seu desassocôgo. E' o remorso que o sucumbe, e termina o almoço e toma a deliberação de ir acto continuo ao Penêdo da Saúde e inda-

gar da residência de Ruth, e então ir para a Universidade.

Ruy, saindo do hotel vai em direcção a Santa Cruz e toma o carro para o alto da cidade. Apeia-se perto da Penitenciária, e e'ilo no lugar chamado o Penêdo da Saúde. O Penêdo da Saúde pertence à História, era o chamado mirante para onde se dirigia a linda Inês de Castro, amante predilecta do Príncipe D. Pedro. Mais tarde D. Pedro 1.º o cruel, e daí avistando o Rio Mondego esperava a chegada do seu amado. Hoje este lugar está completamente modernizado: Fizeram-se belas construções de prédios, procedeu-se a uma bela arborização. Panorama excelente e lugar higiénico.

E' aqui onde reside Lúcia de Campomór com sua mãe. Ruy, numa anciedade febril segue os caminhos que conduzem aos prédios na sua maior parte rodeados de jardins. Avista casa por casa fixando as janelas, mas o seu coração ofegante consome-se, porque ninguém lhe aparece. Encontra tudo tão soturno que dá a impressão de que ninguém ali reside. O seu coração não descança, teima em esperar alguém que possa informá-lo do que pretende, mas infelizmente ninguém sai de suas casas, nem entra.

Faz várias perguntas a si próprio, procura serenar a sua alma, mais a febre devora-o pois está dominado. Volta de novo a passar por todo aquele recinto, e como em vão, consulta o relógio; e nota 2 horas da tarde e são horas do doutoramento, desce o lugar e vem em direcção da Universidade de Coimbra.

Uma vez ali, entra e dirige-se à sala dos actos grandes — vulgo chamada dos camêlos — onde se vai proceder ao doutoramento do Dr. Carlos Corte-Real.

(Continua.)

Em Viseu, no cartaz anunciativo da formidável *Eva* do Natal, além de todas aquelas bôdas de Canaan que ela oferece por uns miseros 7 e quinhentos, lê-se o seguinte referente à casa:

Primeiro andar com jardim

E isto, que à primeira vista parece um impossível, não o é de todo, porque a verdade é que quem compra a *Eva* começa a fazer castelos no ar.

Veio-nos bater à mão um cartão de visita, que tem, nada mais nada menos que as seguintes inscrições:

José Maria dos Anjos Pinto da Cunha e Castro
Homem Sandwich

Artista comico de montras e vitrines, inventor do na-nequin de carne humana movido por electricidade, inaugurado em 19 de Março de 1932, nos Grandes Armazens - El Terror de las Fieras Humanas - en la Puerta del Sol, Madrid-Espanha, com o título reclame electrico, intitulado: Ultripul-tano Portugal-Espanha. Contratista de prop-agandas e reclames da companhia Com-merce, fundador e director da mesma companhia, intitulada: A Malta Es-trangeira.

PORTO Morada LISBOA

No final, se alguma de V. Ex.^a souber o que o homem-sandwich quer com o aranzel, é favor comunicá-lo para a nossa redacção.

O *Diário de Noticias* trazia este anúncio outro dia.

Ternura

Faz hoje três anos que me deste a maior prova possível do teu amor. Nunca te esquecerei. Passo amanhã 2 1/2 tua rua, gostava de te ver. Um grande muito grande abraço da sempre tua

Vejam depois disto se a gente não tem razão em afirmar que o mundo vai andando às avessas.

O nosso *Janeiro*, trazia, há dias, este curioso anúncio:

Mel

Finissimo e baratissimo, na Livraria Catolica, R. do Almada, 136 — Porto.

Já sabíamos que a literatura andava muitissimo por baixo. Tinhamos até conhecimento de que, devido à falta de fregueses, os caixeiros de livrarias passavam o dia a fazer cera. Mas o que não sabíamos é que podiam fazer mel com a mesma facilidade. Salvo se passam o dia a olhar para *As Abelhas Doiradas* do sr. Dr. Júlio Dantas.

O *Século* num dos seus primeiros dias deste mês, inseria a seguinte noticia:

TEIXEIRO (MESÃO FRIO), 2. — C. — Os irmãos Antonio Matoso, de 2 anos, e Idalina de Jesus, de 28, travaram-se de razões, do que resultou o primeiro pretender vibrar uma facada na Idalina, o que foi evitado por um vizinho de ambos. O Matoso, há tempo, vibrou uma facada num braço da irmã, pelo que é useiro e vezeiro em tais proesas.

O que é a força do sexo! Só com dois anos de idade já o Matoso quer fôer da irmã, de 28, uma salchicha. E segundo reza a crônica, já não é a primeira vez que a criança se dá aos luxos de espicaçar a irmã! O que será quando ele atingir sete anos?!... Quando ele agora já faz disto, e ainda não pode trazer a faca nos dentes!...



Eternamente Grave

SÁ DA BANDEIRA

A Estréla do Avenida, comédia com fungãgã em 3 actos.

A peça

A Estréla do Avenida, ao contrário do que nós supunhamos, não é, afinal de contas, piada à menina nua da nossa Avenida dos Aliados; mas é piada (*honnit soit quem tal pensa*) à adorável Beatriz Costa, que também é menina (pelo menos no tamanho e no penteado), também aparece, às vezes, quasi nua, também é do Avenida (Teatro) e também — ufa, tantos tambens! — tem os seus aliados.

O primeiro acto da comediassita é assim tem-te não caias, bastante água chilra, mesmo muito água de flor de larangeira.

Do segundo acto em diante a obra-sita, respirando fundo, mas sem ruidos insólitos, toma maior fôlego e desata (desata mesmo, sim, senhores) a ter graça... que é pena não ser quasi de graça, pois os preços dos bilhetes, a-pesar-da amputação que sofreram de alguns centavos, ainda são algo puxavantes.

E o que é certo (já veem que a MARIA RITA não é tão má como a pintam a gente de teatro) é que a farçasita faz-nos rir a bandeiras desprezadas — como costuma dizer o Loureiro Dias nos seus réclamos — sem a panaceia das cócegas.

A gente, no começo da obra, começa a envolvê-la num envólucro de antipatia por julgar que aquilo é uma charge à simpatiquíssima Beatriz Costa, apresentando-no-la como uma filha desnaturada, como uma

"Sob o manto diáfano do Humorismo, o arrôcho têsô da Verdade"

estoiira-vergas, como uma actriz que cai nos pacatos lares como uma bomba de clorato no meio duma sessão solene. Mas, afinal de contas, aquilo tudo é a pintar e a gente acaba por ver que a Beatriz Costa — que continua a ser 100% Beatriz Costa, nas repinhas, no tamanho e no sorriso — é uma boa rapariga, amiga do seu amigo, coração aberto e florido, alma pura de criança. E o espectador sai do teatro satisfeito a cantar o *couplet* da Banana.

O desempenho

O desempenho não pode ter valores, porque todos os intérpretes foram 100% artistas. E' verdade que desta vez não entrou a Georgina Cordeiro que anda no palco a brincar aos teatros.

Beatriz, Teresa Gomes, Maria Salomé, Elisa Carreira (no tal papel da tabela...), Rosalina Sayal, Nascimento, Alvaro de Almeida, Santos Carvalho, Jorge Grave, Carlos Alves e Manuel Lerenô quiseram mostrar como, no teatro, ainda se pode representar.

Lavrem lá duas à preta — que tudo isso agradou-nos.

E já veem que a MARIA RITA não regateia elogios ao génio...

A "Canção de Lisboa"

— Só o que se tem dito por este Pôrto acerca da *Canção de Lisboa*, encheria 50 tratados de aeronáutica.

E dizendo aeronáutica, dizemos muito bem, porque a verdade é que se tem dito muitíssima coisa no ar.

— Outro dia o *Jornal de Notícias*, no mesmo número, dizia de um lado maravilhas, para no outro dizer quasi blasfêmias. Bem sabemos que estas últimas não contam porque saíram da pena de um intelectual azedo: Paulo Freire.

— E nós dizemos simplesmente: Nem tanto à terra nem tanto ao mar, senhores. A *Canção de Lisboa* tem coisas muito boas e tem outras que mereciam ser rapadas à escovinha.

— Também o *Janeiro* dizia a certa altura: o desempenho é equilibrado, animado, esplêndido. E nós não sabemos afinal o que era definitivamente.

— Cá por nós confessamos que gostamos e que pela primeira vez na nossa vida demos muitas palmas à Beatrizinha. Vai muito bem, sim senhor. E se não fosse aquela cena da brunidela nas calças do Vasco, não tinha um único senão. Mas a verdade é esta: que diabo terá que ver o desempenho com as calças?

— O Vasco também se agüenta sozrivemente no balanço. Esplêndido quando faz de manequim. E pena ter aqueles dentes próprios para cuspir por entre eles, que o faz silvar o *esse!*... Mas não julgávamos nada daquilo.

— A toudada às tias também não é do nosso agrado. Mas a culpa foi mais dos comparsas

do que dos actores e autores. Ainda se fossem sogras, admitia-se...

— O António Silva (desculpa ó Cactano!) vai muuutissimo bem. E' um alfaiate mais per-

No próximo número, "MARITA" dará a sua tão ansiosamente esperada op sôbre a revista "Pôrto à Vista" e o filme "Canção de Lisboa"

feito que o Zé Borges. A cena da prova, prova as suas faculdades.

— Música 'boa, capaz de entrar em todos os ouvidos, mesmo no do Alegrim, sem auxílio do funil.

— Resumindo: gostamos. E não tardará

"Pôrto à Vista"

E' mais uma revista tripeira dos nossos engraçados carecas cá do burgo. Arnaldo Leite

"Pôrto à Vista"

No próximo número diremos o que pensamos a respeito do seu trabalho. Por hoje limitamo-nos a abraçar os velhos e incorruptíveis tripeiros.

Notas, Ecos & Boatos

Dizem-nos que a actriz que adoeceu recentemente no Pôrto não lhe foi tirado o auxílio da respectiva empresa. Antes assim: A prolongação da sua doença é que impôs a sua substituição. Pedem-nos sobre este caso uma rectificação; ela aí fica gostosamente.

— Na companhia do Sá da Bandeira as Marias teem andado aos pares. Primeiramente foi a Maria Ema e a Maria Salomé; depois esta e a Maria Helena; agora a Maria Salomé e a Maria Brasão, que são duas Marias mais cheias de graça do que a Santíssima... E já não falamos na corista Maria Pinto e numa certa Maria que vem às vezes, de Lisboa, visitá-la e que viaja no sud...

— Beatriz Costa, no Dia de Reis, vai erguer um altar, no seu camarim, aos três Reis Magos, que serão dispostos em fila. Para o Rei Baltasar destina-lhe a nossa sorridente priminha Beatriz o meio...

— Está aí o filme a *Canção de Lisboa*. Bom? Mau? Não é isso o que, neste momento, nos interessa. O que nos interessa, nos faz cócegas de entusiasmo no esôfago e nos põe tremeliques de contentamento no *sex-appeal* do patriotismo é a larga soma de esforços e de canseiras que isso representa e que é preciso não destruir com esse desembestamento iconoclastico que tarantula tanto portuguezinho valente. Que diabo, não é bonito estar-se a bramar contra a falta de cinema português e, quando aparece alguma coisa que deu muito trabalho e muita quebra-de-cabeças, começar com uma critica de deita-abaixo, escondendo-lhe as virtudes e exalçando-lhe os defeitos. E a *Canção de Lisboa*, diga-se desde já, é uma bela afirmação do nosso cinema.

— Foi embora a corista Ema. E' de menos uma que passava a vida a rir-se em cena, como se estivesse numa patuscada.

— Os nossos preclaros e respeitáveis colegas da imprensa diária disseram, há dias, que o famoso Pires Fernandes tinha ido a Lisboa tratar de assuntos que se prendem com o *Rivoli*, onde ele é sultão. Já várias vezes isto tem sido charamelado aos quatro ventos da publicidade — e a gente vai vendo, no *Rivoli*, aquele amor de orientação que todos estão apreciando!... Diziam ainda os jornais que ele tinha ido no sud. Tenham paciência, adoráveis colegas diários, nessa é que nós não acreditamos — nem há quem acredite.

— A sala de espectáculos do Sá da Bandeira vai passar a ter uma iluminação estonteante. Vem aí a Maria Brasão com os seus olhos, que teem mais luz do que todos os holofotes do mundo...

— O teatro em Portugal atravessava uma grande crise; nem havia dinheiro. Os empresários encartados tinham os seus capitais... nas receitas das bilheteiras. De repente eacm no meio teatral dois homens que começam de prestar o seu auxílio a muitas empresas. Sem a ajuda deles — é esta a verdade, e a MARIA RITA pela verdade até vai ao patibulo —, não sabemos o que seria. E donde saem esses dois novos Messias teatrais? Do Pôrto — dêste Pôrto que tanta gente de teatro, como pessoas mal



Este é um arto Pôrto

que voltemos a falar mais circunstanciadamente no assunto.

Parabéns ó Telmo!...



Uma actriz que tem feito uma Carreira... bem boa

agradecidas, costuma crivar com as flexas da sua estulta ironia.

— Expirou O Campeão; desculpa; ó Mota, já era tempo.

— Vem aí a Lina Democ; desta vez não entra pela *Portela* do Homem...

— A Maria Salomé (tem paciência, ó Grave), na *Estréla do Avenida*, vestida de branco, é mais aerofana e esvoaçante do que uma pomba.

— Ora até que emfim; na *Estréla do Avenida* o Santos Carvalho não faz um *comperce*. Ele teria arrematado os *compadres* na Companhia.

— Que bela promessa de galan cómico nos dá o Carlos Alves na *Estréla do Avenida!*

— Fazemos votos para que o Soares Correia, nesta temporada, ponha de parte os velhos narizes de papelão que costumam ser um detalhe das suas caracterizações. E' bafiento e cheira a século catorze!

— Não temos propriamente teatro no Pôrto e podíamos ter. Temos aquilo que os outros não teem e que vem cá buscar: capitalistas. Já é tempo de, como nos tempos antigos se criar teatro portuense. Esses capitalistas teriam, assim, menos encargos e conquistariam uma auréola de simpatia. Deixavam-se de tutelas e sempre mandavam em toda a linha como teem direito — já que pagam. E nada lhes falta para isso. Teem dinheiro seu e dois óptimos secretários, como são os dois Silvas, o Pedro e o João, ambos activos, trabalhadores, atilados, energícos, decididos e inteligentes e o primeiro dos dois, conhecendo, pela sua larga prática, o teatro em todos os seus meandros, mistérios, segredos, surpresas, detalhes, em todos os seus aspectos de beleza e, até toda a sua teia de poucas-vergonhas. Mãos à obra — e o Pôrto ficará satisfeito. Temos dito.

— A Carris anda a bordar as nossas ruas de buracos. Mesmo à porta do S. João fez uma cova no feitiço duma sepultura, pôs-lhe umas grades, uma lousa e uma luz bruxoleante. Isso não será mau agoiro, ó Pires?



Como Cavacas...

Querida MARIA RITA:

Não te tenho escrito, mas a razão não é o menos aprêço pela tua rubicunda pessoa, nem a falta de lembrança pela fôlha do teu nome — tam fresca como alface, tam saltitante como uma bicha de rabiar, e tam portuguesa como um prato de tripas dêste velho burgo que é a minha e tua terra...

Olha: eu ando muito arreliado porque resolvi sacrificar-me e meter em casa um daqueles bichos de antena chamados T. S. F. que nos põem por vezes a cabeça em água...

As nossas estações emissoras são o mais bem intencionadas possível, mas repisam demasiado o fado... Ora, querida MARIA RITA, o fado, a mim, salvo raras excepções, dispõe-me mal — sobretudo quando é cantando por uma mulher...

Já te aconteceu acordares um domingo muito bem disposta, abrires a torneira da música e sair-te de lá a Maria Alice:

*« Amei-te tanto!
Tanto talvez, que deu... fim!!! »*

E' um domingo estragado, hás de concordar! E é uma decepção, sobretudo quando a gente se prepara para gozar um domingo autêntico, um domingo de lei, um domingo *Crosley!*...

Mas, o mal não tem remédio... Vou propor-te uma coisa: mudarmos as letras aos fados para termos a impressão de que mudamos de desgraças, já que não podemos fazê-las desaparecer...

Por muito que custe às fadistas, tu já reparaste, MARIA RITA, tu que não és anémica, nem clorótica, nem viciosa, nem seculovintesa, que és mulher às direitas até nalguma tolice que possas fazer, já reparaste que o fado cantado por uma mulher se torna logo ordinário, e tem um ar de desgraça que não comove nada, mesmo nada?...

E não sei sequer como ainda existe o fado nesta época tam materialista em que os editores e o público viram o verso à poesia, a-pesar-de haver poetas em todos os cantos da nossa terra...

Olha, eu tenho a certeza de que, se o próprio Camões reaparecesse agora, com os dois olhos bem abertos (na época em que estamos um só não lhe chegaria a nada) os editores responder-lhe-iam sobre os seus *Lusíadas*: Ponha em prosa e depois apa-reça!

Esta vai longa, e ainda te não disse uma só quadra para o fado que pretendo modificar

Aqui vão algumas quadras:

*Se aquilo que a gente sente
Cá dentro tivesse voz,
Quanta gente desatava
A zurzir pancada em nós...*

*As nódoas da roupa suja
Saem tôdas com sabão...
Acrescenta o Caldevilla:
Mas... « Glo-bu-lar do Bolhão... »*

*Nossa Senhora faz meia...
Fêz, noutro tempo, hoje é falso:
Desde que o mundo anda em crise
O Jesus anda descalço...*

*Quem canta seu mal espanta...
Canto, espalho o meu sentir...
Bem me importam os ouvidos
De algum triste que me ouvir!*

*E' um regalo na vida
A' beira de água morar:
Quem fôr limpo, lava a cara;
Quem não fôr, põe-se a chorar!...*

*Tristezas não pagam dívidas...
Fôsse a paga dessa monta,
Quantos olhos nós portamos
A chorar por nossa conta!*

Adeus, MARIA RITA! Dize-me se te servem estes modêlos e aceita o mais apertado abraço do teu amigo

Filósofo.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta :: forma terá graça, de graça ::

Um canário... flauta

O menino André Valente,
De nove anos incompletos
(Aliás bem empregados),
Tinha uma paixão ardente
Que lhe dava mil cuidados:
Os seus pássaros dilectos.

Gaiolinhas, gaiolões,
Enchiam todo um salão
Por completo, a abarrotar.
E nelas, sempre a cantar,
Passarinhos, passarões,
Desde o melro ao tentilhão.

P'ra mostrar essa paixão,
Basta isto: Um certo dia
Sua mãe, que não é tóla,
Veio achar, pé ante pé,
Lá num canto do salão,
O seu q'rido filho André
Junto ao viveiro da rôla,
A fazer uma gaiola.

Mas um desgosto profundo
Muito grande, atenzava
O menino André Valente:
Nesses viveiros, (um mundo
De tantas aves canoras,
Uma sociedade lauta
De cantores e cantoras),
Só um pássaro faltava,
A reinar, resplandecente:
Não tinha um canário-flauta.

Passou-se o tempo. E um dia
Foi o pai dêle encontrar
O André todo ocupado
Num serviço que parecia
Tê-lo muito atarefado.
Muito agarrado na mão
Tinha um canário vulgar.
E com um ferro, um punção,
Fazia-lhe o nosso moço
Uns buraquinhos redondos
De onde e onde, no pescoço.

E quando o pai, exaltado
Como um doido, como um nauta
Em dia mau de procela,
Lhe perguntou, furioso:
— Que fazes tu, desgraçado,
Assim, com essa sovela?
Responde o filho, dengoso:
— Eu faço um canário flauta!

Dr. Knox.

Parabens

Activo, perspicaz, inteligente,
Distinto na maneira e no dizer,
Tem o condão de fascinar a gente
A conversar, a rir ou a escrever.

Teve sempre paixão p'lo jornalismo.
Há muitos anos escreveu na «Luz».
Agora dedicou-se ao humorismo
E fá-lo com uma graça que seduz.

Há dois anos fundou este jornal.
Dissabores, uma luta desigual,
Mas conseguiu sair triunfador.

Aqui fica, porisso, o meu abraço.
Façam-lhe os seus colegas como eu faço,
Que todos o abracem, é o Heitor.

Ólhu.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR

BOLA

A O



CENTRO

Sem comentários

O Domingo último não desmereceu em nada dos anteriores. Foi fértil em surpresas e desgostos. Os amigos do Foot-Ball Club do Pôrto, mais uma vez tiveram a prova que dos lados de Matozinhos não lhes vem nada de bom. Outro dia foi o Leça que conseguiu um empate injusto, porque devia ter ganho; e já agora foi ao Leixões que aconteceu a mesma desgraça, porque a verdade é que devia ter ganho também.

Conclusão: o Pôrto tem andado este ano com muitíssima sorte.

As claques

Começam a ser verdadeiramente insuportáveis. No Domingo último, no Campo da Constituição, tiveram ocasião de pôr a prova o seu faciosismo desesperado.

No desafio entre o Boavista e o Progresso constituíram estas meninas, duas maravilhas. Qualquer pontapé mais alto, fazia com que os adeptos largassem as palmas muito repenicadas. E quando calhava de um jogador interceptar qualquer jogada, então, andavam os chapéus no ar e por mais de uma vez se chegou a esboçar murro de parte a parte.

Se um, mais exaltado berrava: — Eh! Boavista! — logo dez largavam do campo oposto: — Eh! Progresso!...

Eu, cá por mim, confesso que durante este jogo o que mais me divertiu foram os claqueiros.

E quando um dos aferroados se virava para o vizinho da esquerda, que era Boavisteiro, a cuspir-lhe para a cara em paga duma avançada do Costuras:

— Chega-lhe Clemente! E' aí Clemente!..., eu ficava a dizer esperançadamente:

O' Clemente, ô doce, ô piedosa... claque que há-de matar o *foot-ball* no Pôrto...

Jogador fora... campeão à cova

E' sina dos nossos clubes: em lhes faltando qualquer elemento parece que lhes falta o ar, que é afinal um elemento também.

No Domingo, ao Pôrto faltou-lhe o Pinga, e foi o que se viu. Com Pinga aberta, andaram todos à procura da rôlha.

Ao Académico faltou-lhe o Farkas. E também aquilo esteve por um triz.

No final ficou por um três. Nós somos daqueles que ainda não demos pela vinda do húngaro; mas o que é certo é que o onze destrambelhou e já não foi nada daquilo que tinha sido no último Pôrto-Académico.

Estamos cá em dizer que se ao Pôrto lhe faltam um dia os irmãos Rodrigues, desata a apanhar taponas por uma pá velha...

Previsões

O campeonato regional este ano está enevoado como um diabo. Não há ninguém capaz de prognosticar qualquer coisa de geito. E' verdade que as gargantas ainda se não calaram... Mas estão quasi. Oxalá que não tenhamos de ver a nossa cidade entrar às arrecuas na competição. Mas se tal acontecer, senhores, ainda não estão todos os meios esgotados. Temos ainda a nossa MARIA RITA, que atravessada ao comprido num *goal*, não deixa entrar nem um mosquito.

Animo e menos garganta! E que as claques aprendam a representar bem o seu papel...

Zé das Botas.

Outra vez "Perjuro"

Há criaturas para quem a necessidade de ver-sejar é tão imperiosa como outro qualquer assunto fisiológico.

Se não é ao levantar, é antes de deitar: tem de deitar cá para fora alguma coisa que se veja, quer através de suspiros e ais, quer sofrendo as mais atrozes dores.

Perjuro é, portanto, um destes felizes mortais que se não obrarem um dia só que seja, tem convulsões cerebrais muito perigosas.

MARIA RITA, respeitando essa pecha do seu amigo e ilustre vate, dá em seguida uma produção do supradito:

I

Ecos...

Do Chichisbéu ao Perjuro e vice-versa

Eu sou um burro calçado,
De solas e cabedais...
Não sou burro como os mais,
Pois um burro é ferrado
E também é montado...
...desmontado!...

Eu nunca fui elevado,
Nem, tão pouco, fui descido...
Procuro todo o cuidado,
P'ro crâneo, ser cultivado,
Ter faculdades, sentido...
...bem garrido!...

Receio, não tenho nenhum,
D'aquela coisa: «Aquilo»
Como na «Posta...» já vi um...
Nas cuecas fazer: Pum! Pum!
Pois meninos, p'ra mim aquilo...
...é de grilo!

Esta coisa me consola
E faz bem, cá à careca...
«Aquilo» foi à bitola,
«Nascido», p'ra minha tóla,
Só p'ro arco de rebecca...
...eu, heureca!

N'«Aquilo» o que me desola,
Não é falta d'esperteza,
Não são unhas, nem viola...
E não ter ido à escola,
E não ter a certeza...
...ô pobreza!

Chichisbéu.

Falta de espaço

Somos obrigados, por falta de espaço, e para dar publicidade a alguns originais compostos, a deixar de fora as Secções *Projeções de Braga e Cartas do Mondego*. Que nos desculpem os seus autores, como tem desculpado todos aqueles a quem temos retardado a publicação dos seus originais.



O CALÇADO PREFERIDO PORQUE É O MELHOR



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

I ANO - N.º 35

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

25 DE NOVEMBRO DE 1933

QUADRO DE HONRA

GLICERO — OINOTNA —
SABRIGAITA — BUSINA —
REIDO ORCO — OTROPYLVIS

Decifrações do n.º 33 — 1) Valançar, 2) Vidé, 3) Alisc, 4) Barboleta, 5) Alipo, 6) Titolar, 7) Estefana, 8) Fador, 9) Viatriz, 10) Malitar, mator, 11) Farmaça, farça; 12) Soino, sono, 13) Bangala, bala; 14) Caraça, caração; 15) Vara, varão; 16) Testa, testão; 17) Caçapo, 18) Caranguejola, 19) Caranvola, 20) Moimenta da Beira, 21) Marco de Canavezes, 22) Quem o alheio veste na praça o despe.

Decifrações — Glicero, 22; Oinotna, 22; Sabrigaita, 22; Busina, 22; Rei do Orco, 22; Otropavlis, 22; Reirobi, 21; Serigaita, 21; Amil, 20; Rei Fera, 20; Otter, 20; Feirante, 19; Fantasma Negro, 18; Monteiro II, 18; F. Rodrigues, 18; Rei Tinto, 18; Xenofontes, 17; Longuinhos, 9.



Enigma em verso

(1)
Numa ponte, em Armamar,
Esta prevenção se lê:
«Só se pode transitar
Por sobre esta ponte a pé».

Três tipos, de carruagem,
Sem notar a prevenção,
Por lá fizeram passagem,
Em péssima ocasião.

Mas chegando ao outro lado,
Por um guarda, de vigia,
O terceiro foi multado,
Pagando grossa maquia.

E todos desanimados,
A rica massa a chorar,
Diziam desconsolados;
— O' filhos que grande azar!

Busina.



Charada em verso

(2)
Confesso a *Maria Rita*
Agora que vou morrer, — 1
Deixar a *porca* da vida, — 2
Que p'ra mim foi mais querida,
Do que a mais linda *mulher!*

Agá Larbac.



Novíssimas

(3)
Já notei que o teu coração *manifesta* uma grande simpatia por esse *homem*. — 1, 2.

Diso.

(4)
No dia de *Santo António* fui à *pescaria* ao *rio*, mas fiquei *comido*... — 2, 2.

Busina.

(Ao camarada *Olegna*)

(5)
No dia de *Natal*, eu *via* que v. *levava* uma *ave* de presente à *charadista*. — 1, 2, 2.

Monteiro II.

(6)
Olha que a *mulher* não usa este *vestuário*. — 1, 3.

Monteiro II.

(7)
Este *animal* *arromba* tudo onde *haja* qualquer *substância aromática*. — 1, 2.

Só Darco.

(Ao confrade *Buzina*)

(8)
E' um *protoxido* ou um *óxido* este *composto químico*?

Lérias.



Sincopadas

(Para o *Olegna*, pedindo-lhe que se não enfaste)

(9)
3 — V. é capaz de me dizer como se chama essa *velha* que *lhe enche* as *algiebeiras* de *dinheiro*? — 2.

Busina.

(Agradecendo ao *Monteiro II* a *parte* que me *toca*)

(10)
3 — *Levar* num *barco* tantos *confrades*, sem saber lidar com o mesmo, *isso nunca!* — 1.

Reirobi.

(Ao meu *mano* e *amigo Fantasma Negro*)

(11)
2 — *Eu te saúdo* meu *irmão* e só *te peço* que não sejas *travesso*. — 1.

Monteiro II.

(12)
3 — *Contra* a *indolência* a *urgência*. — 2.

Sepol.



Mefistofélica

(13)
Não seja *feroz!* Não *maltrate* a *mulher!* Isso é *fanfarronada!* — 2, 2 (3).

Busina.

Tipográficos

(14) (8 letras)

X NOTA S.

Monteiro II.

(15) (21 letras)

BBB
IX XX VII

Sabrigaita.



Maçadas geográficas

(16)
Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

(17)
DE PATINS NÃO TREMA
A ÁGUA

Sabrigaita.

(18)
LÊMOS VIVENTA FALINDO

Busina.



Provérbio a adivinhar

(19)
Em dia de *S. Simão*,
Fiz um *ótimo magusto*,
Tendo apanhado um *pião*
Com meu *cunhado Augusto*.

Foi uma *borga* bem *tesa*,
De que tenho *saúdares*;
A muitos *causou surpresa*
Pois *stando* nesta *cidade*,

Bebi, bebi, bebi bem,
Até *rolar* pelo *chão*
Sem o *menor arranhão!*

Dizia depois *alguém*:

.....

.....

Agá Larbac.

Devido à falta de espaço não podemos dizer nada sobre O ENIGMA. No próximo número diremos, de cátedra, coisas esquisitas.

R. das M.

Um temperamento frio

O sr. Adão Janeiro era um dêsse bípodes que por aí pululam, bem fornecido de enxúndias, de vozinha fina como o vagido de um recém-nascido, e com uma cara larga, untuosa, onde os pêlos da barba eram mais raros que as palmeiras no deserto do Sahará.

A-pesar-disso considerar-se-ia uns dos mais felizes mortais do orbe terráqueo, se não fôsse a maldita temperatura do seu temperamento, um temperamento mais frio do que o sobrenome que usava, tão frio que dava a impressão de que o sr. Adão apenas se vestia com a cândida parra do seu homónimo no Paraíso Terreal.

Sempre fôra assim. Já a mãe, nos nove tremidos meses da sua gestação, se fartou de espirrar e de bater o queixo, como se em vez do sr. Adão, trouxesse no ventre um sorvete de creme.

Depois, quando nasceu, tão coberto vinha de produtos esbranquiçados, que a parteira, sem se conter, lhe chamou... uma carapinhada.

Assim, sempre aquecido à força dos cuidados maternos, chegou o sr. Adão à idade em que uma pessoa se aquece sózinha. Mas nada! Nem o olhar mais incendiário, nem as palavras mais quentes, atirados umas e outras pelas raparigas que passavam, conseguiram derreter o iceberg da sua natureza adormecida.

Então, desolado, pelo braço da mãe, foi consultar um especialista. Ele viu-o, palpou-o, mandou-o despir (e só essa ordem lhe fez aumentar a frieza do seu temperamento) e depois de muitas batedelas naquele corpo gelado, falou de glândulas secretórias a funcionarem mal, causadoras também da sua voz de palheta entupida, das enxúndias exuberantes, e da parcimónia dos raquiticos pêlos da sua cara rotunda. E depois de lhe receitar tiroidina, acrescentou o sábio êste conselho, dito quasi ao ouvido da ansiosa mãe:

— E case-o, minha senhora.

Depois de muito matutar, encon-

trou a pobre senhora os dois remédios juntos num só. Não lhe compraria a tiroidina, mas casa-lo-ia com a Tiodina, a brazileirinha fogosa que morava ali de frente, o que, no fundo, devia ser a mesma coisa.

E se bem o pensou, melhor o fez. Ninguém sabe o que se passou entre os dois cônjuges.

Sabe-se apenas que um mês depois, já casado, no rosto uma barba espessa a despontar, berra o sr. Adão com voz grossa, numa roda de amigos, ali no Monumental:

— Não me venham para cá com temperamentos frios. Tudo se modifica. E olhem que eu posso falar com conhecimento de causa.

Dr. Knox.

Os impossíveis dêste mundo

- Esmaltar a bacia de Leixões.
- Guarnecer um vestido, com a barra do Douro.
- Colar um remendo numa câmara de ar, com a solução de um problema.
- Construir um avião com asas de pomba.
- Mover um motor de tirar água com penas de galinha.
- Sentir palpar o coração no peito do pé.
- Ter os intestinos na barriga das pernas.
- Sentir dores de dentes na boca do estômago.
- Barbear um tromba de água.
- Comer com uma bôca de incêndio.
- Calçar um pé de couve.
- Demolir o Castiçal da Boavista.
- Deixar de rir ao ler a risonha MARIA RITA.

Rutra Luar.

Posta restante

A. Ventura — Como sempre, agradecidos. Se podemos pagar um dia, queira pedir...
A. T. S. Castro — Não percebemos bem o que quere. E como não costumamos fazer nada sem completo conhecimento, queira dizer o que quiser. As produções enviadas já foram publicadas!

Alberto H. da Silva — Não sabemos explicar. É verdade que gostamos pouco de coisas dedicadas. Pode ver isso folheando a colecção. Mas desta vez não cortamos.

Noutro dia, um amigo meu, perguntou-me quais as cenas mais tipicamente portuenses e dignas de serem admiradas por todos os forasteiros vindos à cidade. Julgando que haverá bastantes pessoas que desconhecem as belezas naturais do Pôrto, resolvemos, eu e a amiga MARIA RITA, enumerá-las. Ai vão:

- O nariz do Anibal de Moraes.
- O caquinho do Alvaro Machado.
- Os colarinhos do Campos Monteiro.
- A careca do Arnaldo Leite.
- O «Fogo» da Beatriz Costa.
- O laço do Júlio Ribeiro.
- A flor do Cunha da Raza.
- Os caracóis do Raul Casimiro.
- A fera do João Monteiro.
- Os dentes do Abrantes.
- As lunetas do Pires de Lima.

Freqüentava eu o Liceu, quando tive por mestre o L. C.

Um dia estende-me a mão, em postura de cumprimento, e disse-me a sorrir:

— Estás bom?

Pressurosamente, imitando-lhe o gesto, estendi-lhe também a mão.

Mas quando eu já tinha a minha próxima da dèle, com um gesto rápido, fujo com a mão e exclamei:

— Ná doutor!! O bacalhau 'stá caro!

Isto passa-se no tempo e na vinda dos estudantes brasileiros ao Pôrto.

Encontram-se dois dêles no corredor do hotel, e depois de se cumprimentarem, um dêles dirige-se ao outro:

— Como passaste à noite?

— Eu? Dórmi como um desgraçado!

— E tu?

— Eu? Dórmi como uma besta!

Sobrac Sedeng.

Para Pintar Use aredes

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em 10 minutos
seca em 10 horas
dura 10 anos

GRANDE CONCURSO EPICO

a que podem concorrer todos os poetas continentais e ultramarinos

Damos hoje publicidade a alguns dos sonetos recebidos para o mote:

O SONHO DO TELES

O amigo Teles é casado
C'uma dama de respeito,
Que se não anda direito
Dá-lhe cabo do costado.

E lamenta-se o coitado
Já às pancadas afeito.
Por tão diferente conceito
Ter da metade formado.

Oh! como éle a sonhou
E como ela zombou
De seu amor santo e puro!

Que tu leitor te acauteles
T'ém vista o *sonho do Teles*
...Põe as costas no seguro.

O Teles deixou-se levar
Nas asas da fantasia
E a sós... consigo sorria
Muito enlevado a sonhar:

Que a sogra estava a expirar
Sonhou — suprema alegria!
E a mulher se «escapulia»
Deixando-o enfim sossegar.

Estava no melhor da festa
Quando surge muito lesta
A *defunta*, coisa reles,

Que sem 'star com mais aquelas
Partiu-lhe quatro costelas!...
E foi-se o *sonho do Teles*.

O *Teles!* Que famoso! Ele é alguém
Que a todos vence, em *proa* e em vaidade,
E até diz que há de ter, na Eternidade,
O que cá neste mundo ninguém tem:

S. Pedro por vassalo; e Deus, também
Não passará da infima craveira
De seu mordomo; e a Virgem, lavadeira,
P'ra lhe tratar da roupa muito bem.

Um dia, o Teles teve um sonho aflito:
Salta da cama, em fralda, e solta um grito:
«Sou rei! Sou *trunfo!* Espadas a luzir...»

E o gato que dormia aos pés do leito
Miou, então, com enfadado geito:
— «Vai p'ró baralho... e deixa-me dormir!»

A. D. C.

Eis o *sonho do Teles*: Um harém.
Mulheres, mais de mil, à volta dele:
Branças, morenas e de rósea pele,
Olhos em chama, postos no além...

A esta examinava as pernas bem;
Aquela, o penteado de Marcel;
A outras ia, como um cão fiel,
Lambendo-lhes a mão cõr de cecém...

E o Teles implorava: Santo Deus!
Dá-me uma inspiração dos altos céus,
P'ra que eu escolha, entre tantas, a adorada!

Mas, se és atleta, — diz-lhe estranha voz —
Nada aqui como nadas lá na Foz...
E o Teles despe o fato... avança... c... nada!...

Alexandre Dumas Coisas.

Não procures a glória nos negócios,
O' tu que passas lesto e concentrado!
Se imenso ganho julgas ter lucrado
Com que assombros lapónios e beócios,

Lá tens depois os reumatismos ósscos
Que matam todo o gôzo do passado;
E ouvirás à consciência um rijo brado
Fulminando o sustento dos teus ócios!

Agora mais que nunca a Sorte é vã,
O' vós que só pensais no oiro vil
De noite, ao meio dia e de manhã!

.....
Revela este discurso tão senil
— Delírio mau de febre bi-quartá —
O tal *sonho do Teles*. Que imbecil!

Narigudo.

Ser poeta... prosador...
Chic... gentil... e formoso...
Com as damas ser garboso...
Tratá-las com todo o amor!...

Sendo também condutor,
De tit'lo nobre... pomposo...
E mostrar-se, assim, vaidoso,
No seu todo sedutor!...

Exibir o seu dinheiro,
Para não passar ao reles,
Do vil vulgar caloteiro!...

Dar às damas, ricas peles,
Como faz qualquer banqueiro!...
E' este: O *sonho do Teles!*!...

Alfredo Cunha (Raza).

Casar com mulher rica é mui formosa,
— Única filha de qualquer banqueiro —;
Ter a carteira cheia de dinheiro
E não ter sogra, ainda que bondosa;

Ter um *Opel* e vida radiosa;
Não precisar de drogas, de enfermeiro
Ou do nosso dr. Campos Monteiro
P'ra lhe ver a careca, já *manhosa*;

Ser outro Lindbergh, p'ra voar
Por aqui, por ali, por além-mar;
Ter mocidade e alegria a ródos;

Ler a MARIA RITA e... reticências:
— Não ser da Academia de Ciências...
Eis o *sonho do Teles*... e de todos!

Adriano X. Nel.

Um fato todo triques à beirinha
Talhado pelo Paulo no Brandão;
Uma bengala inglesa com castão;
E um chapéu *dernier cri* do Baptistinha;

Suntuosa gabardine, maeinha,
Do Vieira, dessas coisas o campeão;
Sapatos de verniz ou bom calão
Dos que vende (ai, Jesus!) a bela Ildinha;

Eis o fino aparato com que sonha
Noite e dia em fantásticos anseios
Pondo cara ora triste ora risonha,

O *Teles*, o peneira, esse pelintra
Que de cotão traz sempre os bolsos cheios
E de burros foi moço já em Sintra!

Zé da Sé.

O *Teles*, conheci-o. Belo moço!
Grande alma generosa e benfazeja!
Fazia tais negócios em... carqueja,
Que chegou nesse ramo a ser colosso!

Já se vê, ganhou muito e bom *caroço*,
E gozou como toda a gente almça;
Mas a Sorte, traidora e malfazeja,
Mudou um dia, e o Teles foi ao poço!

Mas alma até Almçada! O bravo Teles
Um sonho formidável acalenta
Que o liberte de vez da vida reles,

Mudando em nédia face a murcha venta:
E' casar, desprezando as frescas peles,
Com certa velha rica e boiorenta!

Tito.

♦♦♦

(Continua para o próximo número).

Visitem ESPINHO--Magnífico Casino

PEÇAS E FITAS

VIGESIMA PEÇA DO CONCURSO

A TROUXA

Ópera em um acto e três quadros, e mais um a óleo... de linhaça

PERSONAGENS: Flora, a «Trouxa» (assim conhecida, por ser uma bela trouxa... de carnes); Mário Cavaca Doce, troca-tintas; Barão da Escarpa, regedor da freguesia (que não é nenhuma, pois a casa está às mósas); O Capeleiro, dono da casa, O cabo-chefe — e etc., etc.

PRIMEIRO QUADRO

Uma capela, mesas, bancos, um balcão, prateleiras etc. Abançado num mocho, Mário Cavaca Doce entretem-se a pintar um retrato de mulher. Mário, que parece estar à brocha, poisa o pincel e começa a cantar fixando o retrato:

Que recôndita harmonia
O teu lindo rosto encerra!...
E' pena andares na berra
Toda a noite e todo o dia!
Nesta sala triste e fria,
Onde pinto o teu retrato,
'Stou feito um homem pacato,
Emquanto tu, p'las vielas,
Andas caçando pielas
De vinho reles, barato!

O CAPELEIRO

O grande cara estanhada
A qu'rer fazer sarrabulho,
Sem pensar que a desgraçada
Anda a trabalhar, 'stafada,
Para lhe encher o bandulho!

FLORA (entra e abraça Mário)

Meu amor, meu adorado,
Aqui tens a tua escrava!

MÁRIO (repelindo-a)

Estou muito chateado,
Porque já te não esperava...

FLORA (toda meiguíça)

Pois cá tens a tua Flora,
Meu rouxinol, meu cochicho!

MÁRIO (a engulir saliva)

Já passa da uma hora
E não matei inda o bicho...

FLORA (a adoçar a pirula)

Vamos, então, almoçar...

O BARÃO (dirigindo-se a Mário)

De quem é esse retrato,
Essa indecente borrada?

MÁRIO (a chuchar)

Não o conhece, de facto?...
E' da Flora, minha amada!

O BARÃO (todo refiloso)

E tens o atrevimento
De o dizer com tal desplante,
Conhecendo o sentimento
Que tenho p'la tua amante?!...
Vais pagar o desatino,
Vais dar já quatro pinotes...

MÁRIO (agarrando-lhe o pau)

Toma cuidado, menino,
Se não, vou-te p'ra os fagotes!

O BARÃO (a ver os ares a turvarem-se)

A mim, ó meu cabo-chefe:
Agarra esta... centopeia!
Ahnfalhe um bom tafele
E depois... para a cadeia!

O pano desce devagarinho.

SEGUNDO QUADRO

Sala da Regedoria. Mesa posta e amesado o Barão a manucar. De uma sala ao lado, vem a voz de Mário:

Meu malandro, meu camelo,
Se um dia te caço a geito...

O BARÃO (olhando de lado)

Entretanto... vai lambendo...

MÁRIO

Grande bandido!... Assassino!...

O BARÃO

...Emquanto cá vou comendo
Esta lasca de suino!

FLORA (entrando)

Onde está o meu amante?!

MÁRIO (que a ouve)

Estou aqui, qu'rida Flora...

FLORA (a geitos de esganar o Barão)

Exijo que neste instante
O ponha cá para fora!...

O BARÃO (troçando)

E não deseja mais nada?...
FLORA (de proa alta)

Nada mais...

O BARÃO (levantando-se)

Pois vou dizer...

MÁRIO (esganado)

Vem livrar-me, minha amada,
Que eu não posso mais sofrer!

FLORA (abaixando a proa)

Peço-lhe, senhor barão:
Tenha dó da criatura,
Que está além na prisão!

O BARÃO (já a lambar... os beijos)

Dar-lhe-ei a liberdade,
Como a goza a andorinha,
Se tu, suprema beldade,
Acederes a ser minha...

FLORA (com ela fígada)

Pois bem! Por sua intenção
Sujeito-me ao sacrificio...
Mande-o sair da prisão!

O BARÃO (ao Cabo-chefe)

Resolvi ser generoso
P'ra com esse troca-tintas...

O CABO (a dar graxa)

Como vocência é bondoso!...

FLORA (desconfiada)

Deus queira que tu não mintas...

O BARÃO (continuando)

Se daqui por meia hora
Não der ordem em contrário,
Poderás mandar embora
O pinta-monos, o Mário.
'Stás contente, minha Flora?

TERCEIRO QUADRO

No pátio das Osgás, ao lado da regedoria. Abre-se uma porta, por onde passa o Mário, acompanhado pelo Cabo-chefe.

FLORA

Consegui que o regedor
Te conceda a liberdade...

MÁRIO (com a pedra no sapato)

'Stou a ver que esse favor
Foi uma... fatalidade...

FLORA (descosendo-se)

Deixei-o lá 'statelado,
Com dois palitos na testa...

MÁRIO (respirando fundo)

Agora estou descansado!...

FLORA (arre... matando)

...E fugi por uma fresta!

O pano também cai... mas não morre.

Bisnau.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: Estreia da revista Pôrto à vista.

Rivoli: A empolgante e curiosíssima super-produção O Rei dos Vigaristas.

Olimpia: O filme português A canção de Lisboa.

Trindade: O filme português A canção de Lisboa.

S. João: Os filmes Oito Raparigas num Barco.

Batalha: Os filmes Ou ele ou eu! e Vida Nocturna.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:
R. do Bomjardim, 361-364 (Esg. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195;
R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5802; R. da Constituição, 1395;
Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cor-
doaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Bainharia, 24-26 (Esg. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braan-
camp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esg. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44;
R. Sacadura Cabral, 97. NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida
Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

CONCURSO DO MELHOR PALPITE

1.ª SEMANA

O concorrente não terá mais que fazer senão recortar o cupão abaixo, tendo em vista que a sorte grande êste ano se compõe de... milhares, o concorrente só terá a responder que é no 1.º, 2.º, 3.º, etc., etc.

QUAL É O MILHAR AONDE CALHARÁ O PREMIO GRANDE DA LOTERIA DO NATAL DE 1933?

E' NO MILHAR.....

Remetente.....

Morada.....

Na próxima semana, o concorrente terá que se aventurar a dizer qual o milhar em que calhará o 2.º prémio. Na terceira, qual o algarismo correspondente à terminação do 1.º prémio, e na quarta semana, qual a côr que corresponderá ao 1.º prémio.

Dificuldade nenhuma; apenas um palpite que lhe poderá dar direito a diversíssimos prémios **num valor de muitos milhares de escudos.**

Podemos desde já dizer a V. Ex.^{as} que as melhores casas do Pôrto estão empenhadas (salvo seja) em dar o maior realce a êste **formidável concurso.**

E para levantarmos um bocadinho do véu que está encobrendo êste

CONCURSO DO MELHOR PALPITE

diremos já que concorreram até agora às seguintes firmas acreditadas e generosas: **MARIA RITA, O REI DOS PÓ-PÓS** (A. M. da Rocha Brito), **MIGUEL NUNS PY & C.^A** (Fábrica de Malhas), **ALFREDO F. RIBEIRO & C.^A** (Fábrica de Fogões), **ALBANO RAMOS PAIS & FILHO** (a grande Casa de Modas), **CARLOS TEIXEIRA FIGUEIROA** (O Rei das Graxas), **A. FIGUEIRINHAS, L.^{DA}** (a Livraria Editora mais cotada do Pôrto), **RADIO PORTO** (o pai da rádio telefonia no Norte), e muitas outras casas que V. Ex.^{as} terão ocasião de ver no próximo número.

Prémios a todos os concorrentes. Pechinchas à mão de semear

E toca a concorrer que já começa neste número